

# O meio e a mensagem



Jorge Werthein\*

Os resultados de duas pesquisas aproximam crianças e jovens do Brasil e dos Estados Unidos, o que talvez seja o indício de um fenômeno mundial. Dados do IBGE, divulgados no final de 2009, sobre acesso à internet e posse de telefone móvel para uso pessoal, revelam, entre outros aspectos, que a comunicação entre as pessoas aparece na pesquisa como o principal motivo de uso dessas novas tecnologias, superando os fins educacionais e de aprendizado, que caíram para terceiro lugar.



Estudo da *Kaiser Family Foundation*, lançado neste ano, mostra que a quantidade de tempo que a juventude norte-americana dedica aos *media* de entretenimento vem crescendo vertiginosamente: atualmente, crianças e jovens entre oito e 18 anos de idade dedicam uma média de sete horas e meia diárias (mais de 50 horas por semana) ao lazer oferecido nos meios de comunicação.

A pesquisa brasileira apresenta dados relevantes, porém se limita ao quantitativo. Já o estudo norte-americano é mais minucioso e tem caráter quantitativo e qualitativo. Aponta, por exemplo, que o crescimento do uso dos meios de comunicação deve-se, em grande parte, ao acesso a aparelhos móveis, como telefones celulares e *iPods*.

Também vale destacar, na pesquisa da *Kaiser Foundation*, que apenas 28% dos jovens entrevistados afirmam ter regras quanto ao tempo que podem dedicar-se a assistir TV, a jogar videogames (30%) e a usar o computador (36%). Mas crianças cujos pais estabelecem limites gastam três horas a menos de tempo com mídia. O controle faz sentido. Ainda que o estudo não possa estabelecer uma relação de causa e efeito entre o uso dos meios de comunicação e as notas na escola, há diferenças entre os usuários mais e menos habituais: 47% dos usuários frequentes afirmam ter notas regulares ou baixas na escola. Essa porcentagem cai para 23% entre os menos frequentes.

Parece nítida, portanto, a importância da participação da família e

da escola na orientação das crianças e jovens sobre a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação. O problema talvez não esteja nem nos meios nem nas mensagens necessariamente, mas na capacidade de selecionar uns e outros tanto do ponto de vista quantitativo quanto do qualitativo, considerando-se, claro, que esses dois aspectos estão interrelacionados. Afinal, faz toda a diferença se o jovem despende quatro horas por dia diante do computador apenas jogando ou realizando pesquisas escolares, ou mesmo conciliando ambos.

O papel da escola é, portanto, fundamental. E isso envolve a própria inclusão e capacitação dos professores nas novas tecnologias, tanto no que diz respeito ao manuseio delas quanto na formação para extrair delas o melhor em termos pedagógicos. Para os estudantes, urge a criação de uma disciplina que contemple as novas tecnologias da informação e da comunicação. A ideia seria formar usuários mais conscientes e capazes de usufruir o melhor que há na TV, na internet e nos aparelhos celulares. ■

\*Doutor em Educação pela Stanford University, foi representante da Unesco no Brasil e é vice-presidente da Sangari Brasil